



## O MEU E O SEU CARNAVAL: LIMITES E PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA FESTA DE MOMO E O CONTROLE DOS CORPOS

Danilo Araújo de Oliveira<sup>1</sup>  
Nathalye Nallon Machado<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo problematizar a relação dos corpos durante o Carnaval, a partir de uma cena vivenciada no Sambódromo do Rio de Janeiro em fevereiro de 2018. A cena que nos propusemos questionar diz respeito à presença de um homem, vestido com um biquíni e um vestido transparente e o incômodo que esta presença causou entre algumas pessoas que assistiam ao desfile. Pensamos no quanto esta manifestação de gênero “fora do padrão” representou um problema para alguns participantes da Festa do Carnaval, causando risos e olhares desconfiados. Questionamos sobre a heteronormatividade dominante e o quanto que a presença de pessoas que subvertem as regras do gênero tornam-se motivos de olhares e questionamentos

**Palavras-chave:** Carnaval. Heteronormatividade. Estranhamento dos corpos.

[...] A placa de censura no meu rosto diz  
Não recomendado a sociedade  
A tarja de conforto no meu corpo diz  
Não recomendado a sociedade [...]  
Perverso, mal amado, menino malvado  
Muito cuidado, má influência, péssima aparência  
Menino indecente, *viado*  
Não olhe nos seus olhos  
Não creia no seu coração  
Não beba do seu copo  
Não tenha compaixão  
Diga não, aberração


Caio Prado – Não recomendado

É Carnaval, festa da carne, de quatro dias de fantasias e corpos expostos e livres. É Carnaval e estamos no Rio de Janeiro, especificamente na Marquês de Sapucaí, em fevereiro de 2018. É Carnaval e estamos assistindo ao maior espetáculo da Terra. É Carnaval e são muitos corpos nus esculturais que se exibem em carros alegóricos das muitas agremiações, as Escolas de Samba. É Carnaval, estamos no Sambódromo da Marquês de Sapucaí, mas não

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora.





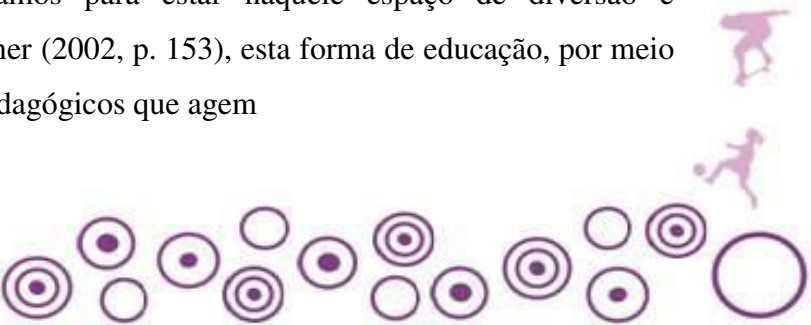
estamos sozinhos. Surge um corpo que destoa, um corpo não recomendado, um corpo apontado.

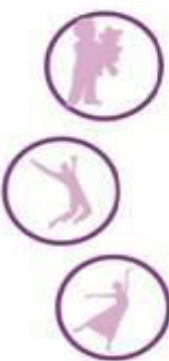
Os carros e alas passam, o samba envolve, uma pessoa chega. Homem em sua designação de gênero à qual inicialmente se encaixaria. Cabelos curtos, rosto sem maquiagem, corpo magro, talvez um entre tantos que não chamariam a atenção, caso não fosse um detalhe. Esta pessoa usa uma calcinha de biquíni feminino, estampa de *animal print*, com terminações em *crochê*. Termina sua produção visual com um vestido transparente que deixa seu torso visível, assim como sua calcinha.

Estamos no Carnaval do Rio de Janeiro e isto nos remete à uma proporção de liberdade dos corpos e das experiências de vida que uma pessoa que escolhe vestir-se de calcinha e vestido transparente nos pareceu algo absolutamente corriqueiro para os dias de festa em que nos encontrávamos. Não foi assim que aconteceu. As palavras de Caio Prado em *Não recomendado*, surgiram como tradução para o momento que vivemos: “*Perverso, mal amado, menino malvado. Muito cuidado, má influência, péssima aparência. Menino indecente, viado.*” A presença daquela pessoa de calcinha e vestido transparente, mais que compor a diversidade que se pretende com o carnaval, causou estranheza, deboche, risos e desprezo. Espectadores do maior espetáculo da Terra talvez não suportem parte da festa ao seu lado em uma cadeira numerada no Sambódromo Carioca...

Temos corpos nus, mas que bom que estão nos carros, no limite que nos separa do que é bom, do que é *show*, do que é aceitável aos cidadãos de bem, que afinal só querem assistir aos desfiles, tirar fotos e fazer parte higienicamente da “Farra de Momo”. Ao que nos parece, os códigos de conduta “corretos e/ou adequados” chegaram ao Carnaval. São muitos os discursos, modos de vida, crenças e códigos que levam as pessoas a perceberem o mundo de determinada forma e agirem de acordo com tais códigos e crenças. Ao mesmo tempo, nos parece importante dizer que a cena presenciada no Carnaval, carregou boa dose de intolerância. Intolerância esta que afasta as características dos dias festivos como aqueles em que fantasias são parte da rotina, intolerância que afasta a liberdade de ser, para se tornar uma espécie de campo de batalha ideológica de comportamento e cerceamento, mesmo na Marquês de Sapucaí.

Estar no Sambódromo da Marquês de Sapucaí, no Carnaval, nos diz de algumas formas de comportamento. Nos educamos para estar naquele espaço de diversão e encantamento. De acordo com Rosa Fischer (2002, p. 153), esta forma de educação, por meio dos artefatos culturais são dispositivos pedagógicos que agem





no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. (FISCHER, 2002, p.153).

Por meio das palavras da autora, é possível compreender que a educação se dá nas relações sociais e culturais, nos mais variados espaços e através de diversos dispositivos pedagógicos, como por exemplo, o Carnaval. No que diz respeito às relações de gênero e sexualidade são muitos os artefatos utilizados para construir ou reforçar estereótipos de masculinidade hegemônica e também de uma feminilidade padronizada. Mas também existem aqueles que exercem um movimento de resistência e buscam romper com esses padrões.

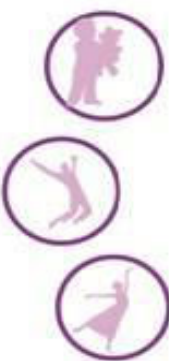
E como não dizer da sexualidade? A sexualidade, que se manifesta nas formas de ser, talvez seja a maior de todas as preocupações daqueles que lançam olhares desconfiados ao que escapa como “normal ou natural”. Ao que nos indica o que presenciamos, existe um discurso silencioso que grita: Que sejamos todos héteros, que sejamos todas submissas, que a sexualidade não se realize em sua plenitude, que haja somente coito para reprodução, que não sintamos prazer, que não nos masturbemos, que nos casemos e assim fiquemos até a hora da morte! Que a vida nos engula, que a falta de amor nos visite, que o medo nos acompanhe, que a vergonha caminhe ao nosso lado, que os remédios nos sosseguem, que o Diabo seja tirado desse corpo que só pensa em pecado... Concordamos com o que Guacira Lopes Louro (2017), em *Flor de Açafreão* nos diz:

Somos todos instados a permanecer no território de gênero para o qual fomos designados ao nascer. Pedagogias são exercidas cotidianamente e continuamente por meio da família, da escola, da mídia, das leis, das igrejas, da medicina para garantir que cada um ou uma de nós “adquiram” e mantenham “coerentemente” seu gênero e, por conseguinte, sua sexualidade. O processo de heteronormatividade é posto em ação para nos tornar, todos, compulsoriamente, heterossexuais. As normas regulatórias de gênero e de sexualidade são, como todas as normas, anônimas e onipresentes. É praticamente impossível identificar quem as enuncia: elas simplesmente acontecem, se espalham por toda parte e costumam penetrar em todos, insidiosamente. (LOURO, 2017, p. 77).

Aquele corpo estranho ao subverter essa normatividade, ultrapassava a ideia do tolerar, do aceitar, ele afirmava sua existência, se apropriava da linguagem para mostrar outra *performance*, que não era a esperada, subvertendo ideias e fazendo pensar o impensável pela lógica. A lógica da sexualidade é ultrapassada, impactando uma diversidade de espaços e influenciando e radicalizando um domínio cultural que instituiu modos de pensar. Tais modos de pensar estruturam o conhecimento, mas ao mesmo tempo possibilita o questionamento das fronteiras, indagando quem é reconhecido/a e quem a cultura se recusa conhecer.

Queremos propor o estranhamento do que conhecemos como normal, como uma forma de problematizar a produção do conhecimento e perceber o não-narrável o não-digno e





o não-visível que busca perpetuar normatizações. Assim, neste exercício de estranhar o “normal” e o dado como natural, rever nosso pensamento acerca do diferente que está posto, reconhecendo os entre-lugares que tornam o pulsar da vida mais dinâmico. Reconhecemos em Michel Foucault uma inspiração importante para estas problematizações que nos motivam a escrever este texto. Assim, reconhecemos nas palavras deste autor, fortalecimento para o que nos propusemos pensar:

Não é aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar. (FOUCAULT, 2012, p. 10).

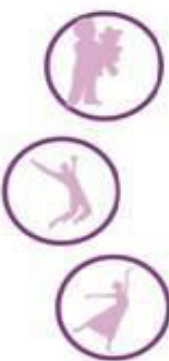
A autonomia corporal, as diversas possibilidades de desejo de viver o gênero é uma forma de desestruturar uma ordem dominante que segregou os seres em postos opostos. Ao trazer para a cena essa revolução que extravia as fronteiras que criam formas de desigualdades amplas que atingem de forma coercitiva a todas e a todos, regulando seus desejos e modos de agir para reproduzir e manter no poder a ordem social vigente, abrem-se possibilidades múltiplas para uma política pós-identitária da sociedade que ultrapassa a noção de uma identidade fixa, coerente e unificada. Novamente recorreremos à Guacira Lopes Louro (2017) para auxiliar nossas problematizações:

Cruzamentos de fronteiras são feitos pelas mais variadas razões. Quando pensamos nos territórios de gênero e de sexualidade, talvez seja menos importante tentar descobrir as intenções, os motivos ou os propósitos de quem empreende a travessia. Vale mais tentar saber quem faz esse trânsito, quem pode se deslocar e como tais deslocamentos são significados socialmente. (LOURO, 2017, p. 79).

A manutenção de um ideal normativo pelo viés de uma lógica heterossexual ao longo dos anos foi possível, além de outros aspectos, através da repetição e reiteração por diversos artefatos culturais e educativos. Tais artefatos citam e reconhecem em seus aparatos pedagógicos uma lógica binária, nomeando e construindo corpos, fazendo uso da linguagem para definir lugares e *performances*.

Como evitaremos olhares obtusos para alguém de calcinha no sambódromo do Rio de Janeiro? Como desvirtuaremos lógicas binárias e excludentes na vivência plena dos gêneros e suas expressões? Sem respostas absolutas, somos levados a pensar as lógicas hegemônicas, reconstruímos certezas e reconhecemos que por meio do uso de uma linguagem subversiva, questionadora, não limitadora que corpos como esses, nos fazem perceber a variedade de possibilidades de sua atuação. Estas ações questionam as normas de gênero, para inquietar e desassossegar o que parecia adormecer a produção de um saber que estabiliza certezas, colocando em xeque o caráter vigilante de uma pedagogia da sexualidade.





O desafio que percebemos consiste em localizar as amarras que ainda aparecem nas formas de preconceitos e limitações: a construção da autonomia de ser é diária e deve ser constantemente revisitada. Se hoje podemos ser o que somos, ou ao menos ensaiar o que gostaríamos de ser, cabe dizer que esta nem sempre é uma trajetória linear: são muitos os tropeços, quedas e também muitos sorrisos e gozos, não só nossos, mas de muita gente que veio antes de nós. Acreditar na construção de seres mais livres, mais leves e felizes com suas histórias e construções são coisas que não devemos perder de vista. Não é um caminho fácil, construir-se e desconstruir-se demanda tempo, investimentos, um constante refazer-se, mas, paralelamente, é um caminho bonito, que deve ser vivido sem atalhos, seguir aproveitando o trajeto, valorizando cada passo, sambando, cantando o samba, estando transparente, na roupa e na alma, para as delícias de ser o que se é.

### Referências

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, jan./jun. 2002, p. 151-162.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de Açafão – Takes Cuts Close-ups**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PRADO, Caio. Não recomendado. In: **Variável Eloquente**. iTunes Store.







UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

